



Desenvolvimento Curricular e Didática

Estratégias pedagógicas de motivação

Davide Caiadas

Prof.º do 3.º CEB e ES

davide.caiadas@ua.pt

Pedro Tavares

Prof.º do 3.º CEB e ES

pmpt@ua.pt

Resumo

De acordo com os documentos orientadores do Currículo Nacional do Ensino Básico, a disciplina de Educação Visual é considerada fundamental na educação global do indivíduo revelando-se capaz de potenciar o desenvolvimento individual, social e cultural. A qualidade das aprendizagens é influenciada por diversos fatores, entre os quais se destaca a motivação do aluno. Na disciplina de Educação Visual isso não é exceção e, com base na Prática de Ensino Supervisionada I, verificou-se que grande parte dos alunos não se encontra motivada para a realização das tarefas propostas pelo professor. Deste modo, surge a necessidade de compreender que estratégias pedagógicas de motivação utilizam os professores para motivar os alunos em Educação Visual.

Na realização desta investigação foram selecionados cinco professores de Educação Visual de escolas da região de Aveiro. Procedeu-se à recolha dos dados através de entrevista semiestruturada e a respetiva análise qualitativa dos mesmos, com recurso do programa webQDA. Apurou-se que existe um número elevado de alunos com pouca motivação na disciplina de Educação Visual, o que pode dever-se a fatores intrínsecos e extrínsecos à escola e à própria disciplina. Foram ainda identificadas algumas estratégias pedagógicas de motivação de entre as quais se destaca o ensino através de projetos de trabalho. Devido à individualidade dos alunos, não se pode indicar uma ou outra estratégia de motivação como a mais indicada no processo de ensino e aprendizagem porque cada caso é um caso. Compete ao professor, dentro do possível, tentar escolher e adequar as estratégias de motivação em função de cada um dos seus alunos, das suas vivências e dos respetivos contextos socioculturais.

Palavras-chave: Educação Visual, Motivação, Estratégias Pedagógicas.



Abstract

According to guideline documentation for the National Curriculum for Elementary and Middle Education, Arts are considered fundamental for the individual's global education; it may enhance one's social and cultural development. The quality of learning is influenced by several factors, among which stands out the student's motivation. In Arts this is no exception. From teacher training experience in this school subject, we could infer that a lot of students are not motivated to perform the tasks proposed by the teacher. Hence the need to understand what motivation teaching strategies are used by teachers to motivate students in Arts lessons.

For this research were selected five Arts teachers working in the area of Aveiro. Data were collected through semi-structured interviews, followed by a qualitative analysis by means of webQDA software.

We could also perceive that there was a high number of students with little motivation for Arts, which might occur due to facts that may be intrinsic and extrinsic to school and the subject itself. Some motivation teaching strategies were also identified, with relevance to the project development. Due to the individuality of the students, we cannot assert a motivational strategy as the most suitable in the teaching-learning process, for each case is different. We believe it is the teacher's duty, to the extent possible, to try to choose and adapt motivation strategies for each of their students, bearing in mind the student's experiences and social and cultural contexts.

Key words: Arts education, Motivation, Teaching strategies.

Résumé

Selon les documents d'orientation du Programme National de l'Education de Base (le « socle commun de connaissances et de compétences »), la discipline d'arts plastiques est considérée comme fondamentale dans l'éducation globale de l'individu car elle permet de favoriser le développement individuel, social et culturel de l'élève.

La qualité de l'apprentissage est influencée par plusieurs facteurs, parmi lesquels se détache la motivation de l'élève. La discipline d'arts plastiques n'est pas une exception. En effet, dans le cadre de la Pratique d'Enseignement Supervisé I, on a été constaté que la plupart des élèves ne sont pas motivés pour accomplir les tâches proposées par l'enseignant. Ainsi il faut comprendre les stratégies pédagogiques de motivation que les professeurs utilisent pour motiver les élèves dans les arts plastiques.



Dans le cadre de cette recherche, on a sélectionné cinq professeurs d'arts plastiques de plusieurs collèges de la région d'Aveiro. On a recueilli les données à l'aide d'entrevues semi-structurées suivies de leur analyse qualitative, en utilisant le programme webQDA.

On a constaté qu'il ya un nombre élevé de écoliers ayant une faible motivation dans la discipline d'arts plastiques, laquelle peut être due à des facteurs intrinsèques et extrinsèques à l'école et à la discipline elle-même. On a également identifié des stratégies pédagogiques de motivation parmi lesquelles se détache l'enseignement à travers des projets de travail.

En raison de l'individualité des élèves, on ne peut pas indiquer la stratégie de motivation la plus appropriée dans le processus d'enseignement et d'apprentissage, parce que chaque cas est unique. Il faut que le professeur, autant que possible, essaye de choisir et d'adapter les stratégies de motivation en raison de chacun de ses élèves, de leurs expériences de vie et de leurs contextes socioculturels.

Mots-clés: La discipline d'arts plastiques, Motivation, Stratégies pédagogiques

Resumen

De acuerdo con los documentos rectores del Plan Nacional de Estudios de la Enseñanza Básica, la asignatura de Educación Visual es fundamental en la educación global del individuo, siendo a la vez capaz de contribuir al desarrollo individual, social y cultural.

Varios factores influyen en la calidad de la educación, entre los cuales se destaca la motivación del estudiante. En la asignatura de Educación Visual esto no es excepción, de manera que, según observación de la Práctica Docente Supervisada I, se pudo verificar que la mayoría de los estudiantes no están motivados para realizar las tareas propuestas por el profesor. De este modo, es necesario comprender las estrategias pedagógicas de la motivación utilizadas para motivar a los estudiantes en Educación Visual.

A fin de llevar a cabo esta investigación fueron seleccionados cinco profesores de Educación Visual de las escuelas ubicadas en la región de Aveiro. Se recopilaban datos a través de entrevistas parcialmente estructuradas así como a se procedió a su posterior análisis por medio del programa webQDA.

Los resultados demuestran que existe un elevado número de estudiantes con baja motivación en la asignatura de Educación Visual, lo que puede deberse a



factores intrínsecos y extrínsecos a la escuela y a la propia asignatura. Asimismo, se identificaron algunas estrategias pedagógicas de motivación entre las que se destaca la enseñanza a través de proyectos de trabajo.

Debido a la individualidad de los alumnos, no es posible indicar ninguna estrategia de motivación como la más adecuada en el proceso de enseñanza y aprendizaje, ya que cada caso es único. Está incumbido a los docentes, en lo posible, tratar de elegir y adaptar las estrategias de motivación a cada uno de sus alumnos, teniendo en cuenta sus experiencias y los contextos socio-culturales respectivos.

Palabras-clave: Educación Visual, Motivación, Estrategias Pedagógicas.

Introdução

Ser professor é um desafio permanente. O processo de ensino e aprendizagem resulta de um conjunto de relações interpessoais entre professor e aluno condicionadas por fatores intrínsecos e extrínsecos à própria escola. Num contexto sócio educacional torna-se fundamental que os responsáveis entendam os estímulos que motivam os alunos para a aprendizagem.

Como referido por Aguayo (1963), a criança não trabalha naturalmente, é necessário que o professor lhe suscite o interesse e o motive para a aprendizagem.

As estratégias utilizadas pelo professor na sala de aula podem influenciar a motivação dos alunos para o desempenho das tarefas propostas e consequentemente condicionar as próprias aprendizagens e o cumprimento das metas e competências previstas no Currículo Nacional do Ensino Básico em Portugal.

A falta de motivação da maioria dos alunos na realização das tarefas propostas pelo professor da disciplina de Educação Visual, observada no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada I, foi o impulso para este estudo de investigação que procura identificar estratégias pedagógicas de motivação que contribuam para melhorar o desempenho dos alunos naquela disciplina.

Para melhor compreender a dinâmica existente no meio onde ocorrem as situações que pretendemos investigar e quais as relações existentes entre os vários intervenientes optou-se pela realização de cinco entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, a professores de Educação Visual no 3.º Ciclo do Ensino Básico a lecionar em escolas da região de Aveiro.



Enquadramento Teórico

Análise do Currículo Nacional do Ensino Básico - Educação Visual

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE, 1986), em Portugal, define Ensino Básico como um sistema de ensino pluralista, universal, obrigatório e gratuito tendo a duração nove anos letivos. No que concerne à sua organização, o ensino básico compreende três ciclos sequenciais: o 1.º Ciclo desenvolve-se ao longo de quatro anos e afirma-se como um ensino globalizante, em regime de monodocência (professor único), podendo ser coadjuvado em áreas específicas; o 2.º Ciclo tem a duração de dois anos e assenta numa estrutura organizada por áreas interdisciplinares ministradas em regime de um docente por área; o 3.º Ciclo assenta numa estrutura curricular unificada e permite aos alunos a escolha de áreas vocacionais, sendo a prática pedagógica assegurada através de um docente por disciplina ou grupo de disciplinas.

Pode considerar-se o Ensino Básico como um sistema de ensino transversal e contínuo que deve complementar, aprofundar e amplificar os conhecimentos gerais de uma forma gradual, conferindo-lhe um carácter de ensino global cujos principais objetivos são: "assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social" (Lei n.º 49, 2005).

O Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (CNEB, 2001) é um dos documentos orientadores do Ensino Básico em Portugal e pretende definir um conjunto de competências consideradas essenciais a alcançar no final da Educação Básica. Esse documento é transversal a todas as disciplinas ou grupos de disciplinas e apresenta-se como uma ferramenta de orientação do Currículo do Ensino Básico.

Em particular, concentrar-nos-emos apenas na área curricular da Educação Artística, mais concretamente na disciplina de Educação Visual no 3.º Ciclo. No entanto, importa referir que a Educação Artística obrigatória está presente no ensino em Portugal durante os três ciclos que constituem o ensino básico, incidindo em quatro grandes áreas de expressões artísticas: Expressão Plástica e Educação Visual; Expressão e Educação Musical; Expressão Dramática/Teatro; Expressão Físico-Motora/Dança.



De acordo com o CNEB:

“No 1.º ciclo as quatro áreas são trabalhadas, de forma integrada, pelo professor da classe, podendo este ser coadjuvado por professores especialistas. No 2.º ciclo verifica-se um aprofundamento nas áreas da Educação Musical e da Educação Visual. Esta última associa-se à área Tecnológica, dando origem à disciplina de Educação Visual e Tecnológica. No 3.º ciclo o leque de escolhas à disposição do aluno é alargado. Permanece a Educação Visual como disciplina obrigatória e é introduzida outra área artística opcional, de carácter obrigatório, de acordo com a oferta da escola (Educação Musical, Oficina de Teatro, Dança ou outra)” (2001, p. 135).

A Educação Artística, de acordo com o CNEB, desempenha um papel fundamental na educação geral dos cidadãos. “A Arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura” (CNEB, 2001, p.141).

A Arte, como forma de conhecimento, desenvolve ao mesmo tempo pensamento abstrato e racional, interligando a imaginação, a razão e a emoção, contribuindo desta forma para uma educação plena e global dos cidadãos (Roteiro para a Educação Artística, 2006).

Para além do desenvolvimento crítico e criativo do pensamento, as artes, como forma de expressão cultural, exploram e transmitem novos valores às sociedades respeitando ao mesmo tempo as divergências existentes. Parte-se então do princípio que a arte é fundamental para uma educação completa do cidadão e também como um fator de dinamização e expressão cultural de uma determinada comunidade. “A arte não está separada da vida comunitária, faz parte integrante dela” (CNEB, 2001, p. 141).

Pode dizer-se que, neste sentido, a arte está presente em tudo o que nos rodeia e não apenas em espaços fechados destinados à atividade artística como galerias, museus, *ateliers* ou a espaços arquitetónicos de interesse e valor patrimonial reconhecidos. Esta conceção de arte está intrinsecamente ligada aos sentidos e ao modo como percebemos as coisas. “A arte, como quer que a definamos, está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos” (Read, 1982, p. 28).



Arte de acordo com o CNEB:

"(...) assume-se como uma componente integrante da Lei de Bases do Sistema Educativo. Nos três ciclos da educação básica os alunos têm a oportunidade de contactar, de forma sistemática, com a Educação Artística como área curricular. A abordagem às Artes Visuais faz-se através da Expressão Plástica, da Educação Visual e Tecnológica e da Educação Visual, que desempenham um papel essencial na consecução dos objectivos da Lei de Bases" (2001, p. 141).

Neste contexto e atendendo aos referenciais orientadores do ensino básico é dada especial ênfase à Educação Artística e à arte como meio de desenvolvimento individual, social e cultural.

No 3.º Ciclo "a abordagem às Artes Visuais" faz-se através da Educação Visual. A Educação Visual como área do conhecimento centra-se nos domínios "da comunicação e da cultura dos indivíduos". Ser "capaz de identificar, de analisar criticamente o que está representado e agir plasticamente são modos de estruturar o pensamento inerentes à intencionalidade da Educação Visual como educação do olhar e do ver" (CNEB, 2001, p. 155).

A Educação Visual é, assim, uma disciplina que envolve os vários saberes no processo de ensino e aprendizagem. *Saber ser* e *saber fazer* são modos intrinsecamente ligados ao processo de ensino e aprendizagem da Educação de Visual. No entanto, para além dos saberes anteriormente mencionados existem outros saberes diretamente relacionados com o ensino das artes visuais, são eles o *aprender a viver juntos* e o *aprender a ser*, mencionados no relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (Unesco, 1998).

O próprio CNEB (2001, p. 156) é perentório quando assume que o "desenvolvimento da percepção estética", *aprender a conhecer*, "e a produção de objectos plásticos", *aprender a fazer*, "envolve o entendimento e intervenção numa realidade cultural à qual a escola não deve ser alheia", *aprender a viver juntos* e o *aprender a ser*. "A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a EDUCAÇÃO global do cidadão." (ME, 2001, p. 2)

Todos os documentos que sustentam o Ensino Básico em Portugal parecem convergir claramente para que a Educação Visual seja considerada como "fundamental" na educação plena e global do cidadão. No entanto, destas concepções teóricas emergem outras que parecem estar em total discordância com o termo "fundamental" atribuído às artes e à Educação Visual no Ensino Básico: Será que podemos considerar o ensino da Educação Visual como uma prioridade? Será



que uma disciplina não obrigatória para a conclusão do ensino básico pode ser considerada como fundamental para a educação global do aluno? Será que uma disciplina não obrigatória para a conclusão do ensino básico pode ser considerada assim tão fundamental por professores e alunos?

Em nosso entender, com a nova organização curricular, não se pode considerar a disciplina de Educação Visual como tão fundamental, onde para a disciplina o 8.º ano se assume como o derradeiro para muitos dos alunos que frequentam o sistema nacional do ensino básico. Não podemos conceber que seja assim tão relevante uma disciplina que não é comum a todos os alunos que terminam o Ensino Básico em Portugal.

Embora presente como fundamental no currículo nacional, a Educação Visual é vulgarmente conotada como sendo uma disciplina secundária, não por culpa de diretrizes centrais mas por uma cultura que é transversal a professores, alunos e encarregados de educação. Provavelmente tal facto deve-se a algum desconhecimento da arte e do seu papel no desenvolvimento e formação da identidade dos cidadãos, mas também a um sistema educativo que acaba com a criatividade, a perceção e sensibilidade estética à medida que o aluno avança na sua formação escolar.

Apesar de diversos estudos, como o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1998) ou o Roteiro para a Educação Artística (2006) apontarem para caminhos alternativos, a verdade é que o sistema educativo continua a privilegiar um tipo de ensino que incide sobretudo na memorização de factos em detrimento da construção de um conhecimento gradual e contínuo que estimule para além da memória, a atenção, o pensamento, a criatividade e o espírito de iniciativa, fundamentais para enfrentarem o mundo competitivo que os aguarda.

Gestão Flexível do Currículo

O Despacho n.º 9590 (1999) define que:

"O projecto de gestão flexível do currículo visa promover uma mudança gradual nas práticas de gestão curricular nas escolas do ensino básico, com vista a melhorar a eficácia da resposta educativa aos problemas surgidos da diversidade dos contextos escolares, fazer face à falta de domínio de competências elementares por parte de muitos alunos à saída da escolaridade obrigatória e, sobretudo assegurar que todos os alunos aprendam mais e de um modo mais significativo."



Neste despacho estabelecem-se as linhas gerais para o desenvolvimento de projetos baseados numa gestão flexível do currículo e surge enquadrado no âmbito do regime de autonomia, administração e gestão das escolas (Lei n.º115-A, 1998).

A gestão flexível do Currículo do Ensino Básico é um documento orientador do Ministério da Educação e da Ciência onde é dada às escolas e aos professores a possibilidade de adequarem os programas à realidade escolar e ao contexto sócio cultural. Isto é, para além do currículo central que orienta o sistema de educação básica, a escola e os professores têm a liberdade de gerir de forma flexível, dinâmica e transversal o processo de ensino e aprendizagem.

O CNEB (2001, p. 161) prevê a gestão flexível do currículo dando autonomia a professores e escolas para adaptarem as suas práticas ao contexto e à realidade local.

“Os professores podem implementar dinâmicas pedagógicas de acordo com a realidade da comunidade em que se inserem, com o projecto educativo da escola e com as características dos alunos. Esta articulação pode concretizar-se a partir de diferentes âmbitos de decisão, nomeadamente nos conselhos: Pedagógico, de Docentes, de Disciplina e de Turma, privilegiando uma abordagem transdisciplinar” (CNEB, 2001, p. 161).

O programa de ajustamento da disciplina de Educação Visual (ME, 2001, p. 3) define:

“(...) conteúdos considerados essenciais, mas integra-se na visão global que preside à reestruturação curricular em curso e que define, para além do corpo central do currículo nacional, a importância de as escolas e os professores gerirem de forma dinâmica o processo de ensino-aprendizagem”.

Em nosso entender, esta flexibilidade é de extrema importância sobretudo numa disciplina como Educação Visual. Poder adaptar conteúdos e projetos à realidade e ao contexto escolar é poder aproximar a escola aos seus intervenientes, é poder promover uma maior aproximação aos alunos e à própria comunidade local.

Contudo, será que os professores de Educação Visual conhecem e aplicam na sua prática pedagógica a gestão flexível do currículo?



Motivação

Pode-se definir motivação como: “acto de motivar; exposição de motivos; conjunto de factores que determinam a conduta de alguém; processo que desencadeia uma actividade consciente; apresentação de um centro de estudo que visa despertar o interesse e mobilizar a actividade do aluno; (lit.) relação intrínseca e natural existente entre um signo e o seu referente. (De motivar+-ção)”. (Costa e Melo, 1995, p. 1237)

Numa perspetiva fisiológica, a motivação é algo que provoca no indivíduo estímulos com o intuito de suprimir necessidades físicas e de segurança, conforme refere Custódio Rodrigues (1986, p. 47). Assim, a motivação surge como um fator de crucial importância para que as aprendizagens dos alunos sejam mais significativas e se promova um ensino com mais sucesso.

Motivação da Aprendizagem

Num contexto de aprendizagem, a motivação surge como uma forma de direccionar o esforço do aluno de modo a potenciar as energias despendidas e atribuir-lhe um objetivo específico e válido. O esforço do aluno é valorizado sendo-lhe atribuindo um objetivo válido e não apenas mero “desperdício” de energia. A motivação surge como uma relação entre o trabalho escolar e as expectativas e interesses pessoais do aluno. Esta nova forma de encarar o ensino é consequência do surgimento, no início do século XX, de um movimento de renovação do ensino, que ficou conhecido como “Escola Nova”, em que era posto de parte o ensino transmissivo centrado no professor e onde era valorizado o interesse do aluno. “ (...)a criança não trabalha espontaneamente senão quando um interesse ou uma necessidade a leva a isso: é necessário, portanto, motivar cuidadosamente o trabalho escolar” (Aguayo, 1963, p. 19).

No espaço escolar, o aluno não é agora considerado um mero observador passivo, mas sim o elemento mais importante de uma vasta estrutura sócio educacional onde o principal objetivo é a sua auto-realização. “O mestre não transmite conhecimentos nem cria nos alunos destrezas ou habilidades que eles não possuíam antes. A criança aprende por si mesma: cabe-lhe, pois, a escolha e formação das próprias técnicas. A missão do mestre se reduz a guiar e estimular o trabalho do aluno” (Aguayo, 1963, p. 57). Ao professor cabe a tarefa de estimular, motivar o aluno a definir os seus objetivos pessoais e auxiliá-lo na sua obtenção.



Com esta investigação tentou-se indagar até que ponto estas premissas iniciadas pela Escola Nova são aplicadas na atualidade.

Não podemos considerar a motivação como algo de universal e de aplicação direta. Cada aluno possui características próprias, inerentes à sua personalidade e ao meio onde se movimenta e cresce, logo é necessário um conhecimento prévio e individual para se poder definir o que se considera motivador em cada caso específico. A importância do meio ambiente é uma variável considerada importante, tal como refere Drew: “Julgamos haver uma outra forma de interpretar a motivação (...) que, em parte, se relaciona com uma variável até agora nunca posta em evidência: o meio ambiente” (1989, p. 10).

Segundo Huertas (2001) a motivação, a nível psicológico, pode ser reforçada apelando a componentes afetivos e emocionais. As características diferenciadas de cada indivíduo apelam, assim, a diferentes tipos de motivação para um mesmo assunto. Cada pessoa possui objetivos próprios a atingir, daí a necessidade do professor, enquanto mediador das aprendizagens do aluno, fornecer variadas estratégias pedagógicas numa tentativa de conseguir ir ao encontro do maior número de alunos possível.

Estratégias Pedagógicas de Motivação

A conceção de estratégia insere-se na orientação curricular que provém do Ministério da Educação, através do documento Metas de Aprendizagem (2009). Este documento de apoio à gestão curricular procura, a partir de um conjunto de competências que os alunos devem alcançar no final de um ano e/ou ciclo de estudos, orientar e apoiar o professor na preparação das aulas e na verificação dos resultados obtidos. Ou seja, é proposto aos docentes que preparem as suas aulas em função de um conjunto de competências previamente elaboradas pela administração central.

Estas diretrizes, como explicado no *site* Metas de Aprendizagem, resultam do “conceito de estratégia”, definido por Roldão (2009): “A estratégia enquanto concepção global de uma acção, organizada com vista à sua eficácia (...): o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto organizado de acções para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem” (www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt).



Petrucci e Batiston (2006) definem estratégia como algo intrinsecamente ligado ao processo de ensino e aprendizagem, na medida em que a arte de bem ensinar assenta numa estratégia que seja capaz de envolver e suscitar no aluno o interesse pelos conteúdos e pelo conhecimento com o objetivo de promover aprendizagens verdadeiramente significativas. “ (...) a palavra ‘estratégia’ possui estreita ligação com o ensino. Ensinar requer arte por parte do docente, que precisa envolver o aluno e fazer com ele se encante com o saber. O professor precisa promover a curiosidade, a segurança e a criatividade para que o principal objetivo educacional, a aprendizagem do aluno, seja alcançada” (Petrucci e Batiston, 2006, p. 263).

No entanto, o processo de ensino e aprendizagem é, em nosso entender, influenciado por um conjunto de fatores intrínsecos e extrínsecos à escola e que interferem diretamente no resultado final das aprendizagens. Será que o número de alunos por turma pode condicionar as aprendizagens? Será que os fatores socioculturais determinam o resultado das aprendizagens? Será que a carga horária é adequada aos resultados pretendidos? Será que as infraestruturas são adequadas a uma boa prática letiva e consequente melhoria das aprendizagens e dos resultados esperados? Será que todos os alunos conseguem atingir os mesmos objetivos da mesma forma? Será que os alunos estão motivados? Será o professor capaz de motivar todos os alunos com a mesma estratégia?

A complexidade do processo de ensino é extremamente complexa e pode variar de escola para escola, de turma para turma e até de aluno para aluno, por isso, torna-se difícil definir uma “receita mágica” que se adeque melhor a um determinado resultado.

“Nenhum “receituário” de estratégias (...) pode substituir a própria invenção do professor consoante a natureza e o quadro cultural da população alvo com que se relaciona, diferente de escola para escola, de região para região. A contextualização de qualquer estratégia pedagógica tem assim uma importância decisiva no sucesso dos meios operativos disponíveis ou a accionar” (Rocha de Sousa, 1995, p. 61).

A capacidade do professor passa essencialmente, como referem Petrucci e Batiston (2006) e Rocha de Sousa (1995), por identificar as diferenças e escolher as estratégias pedagógicas de ensino que melhor se adaptem à realidade escolar, ao contexto sócio cultural e aos alunos.

Dada a complexidade do processo de ensino com todas as suas vicissitudes e diferenças, inclusive dentro de uma mesma turma, onde durante a nossa prática de ensino supervisionada se verifica a falta de motivação dos alunos na disciplina



de Educação Visual, que estratégias pedagógicas podem ser utilizadas pelos professores para promover a motivação dos alunos nesta disciplina?

Método

Procedimentos

A questão de investigação: Que estratégias pedagógicas podem ser utilizadas pelos professores para promover a motivação dos alunos na disciplina de Educação Visual? surgiu de uma constatação observada durante a Prática de Ensino Supervisionada I na disciplina de Educação Visual, onde era notória a falta de motivação dos alunos. Assim, surgiu como objetivos da investigação:

- Verificar se o programa da disciplina de Educação Visual define estratégias pedagógicas de motivação.
- Identificar estratégias pedagógicas de motivação que contribuam para melhorar o desempenho dos alunos na disciplina de Educação Visual;

Para responder à pergunta de investigação procedeu-se à elaboração de uma tabela orientadora onde consta a pergunta de investigação, os objetivos, o instrumento de recolha de dados, entrevista semiestruturada e as respetivas perguntas.

Optou-se pelo método de investigação qualitativo para melhor compreender a dinâmica existente no meio onde ocorrem as situações que pretendemos investigar e quais as relações existentes entre os vários intervenientes, que não poderia ser aferido através do método quantitativo. Por outro lado, a escolha deste instrumento de recolha de dados deveu-se também a um constrangimento temporal que poderia condicionar e inviabilizar a realização desta investigação se tivéssemos optado por outro método de recolha e análise de dados com uma amostra mais significativa. Embora tenhamos consciência de que os resultados que emanam de um estudo, cuja amostra se restringe apenas a uma realidade específica e reduzida, não podem ser representativos de uma realidade universal, nem podem ser extrapolados para outros contextos mais abrangentes.



Participantes

O critério de escolha dos participantes da investigação baseou-se em fatores de proximidade e conhecimentos pessoais, como forma de tornar exequível o processo de recolha dentro do período de tempo previsto para a realização da mesma. Trata-se assim de uma escolha de conveniência, não probabilística e acidental.

Exige-se como requisito aos participantes lecionar a disciplina de Educação Visual numa escola da região de Aveiro.

Instrumentos de recolha de dados

O processo utilizado para a recolha de dados de campo na investigação tem como base a realização de cinco entrevistas semiestruturadas e gravadas em áudio.

Dentro do método qualitativo e tendo em conta a temática a abordar e o número de participantes disponíveis, a entrevista semiestruturada pareceu-nos ser a escolha mais adequada. Para além disso, permite esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir por parte do entrevistado na interpretação das perguntas e ainda desenvolver ou acrescentar perguntas que surjam no decorrer da conversa.

Análise de Dados

O primeiro passo necessário para possibilitar a análise dos dados recolhidos foi a transcrição integral das gravações áudio das entrevistas. Embora mais moroso e trabalhoso que a descrição, este procedimento possibilita uma maior garantia quanto à fiabilidade dos dados e o grau de inferência é menor.

Numa segunda fase recorreu-se a um programa de análise qualitativa de dados (webQDA). Procedeu-se à introdução das fontes de dados e às transcrições das cinco entrevistas realizadas no respetivo programa.

Para uma análise detalhada dessas entrevistas definiu-se uma série de codificações para identificar os prováveis fatores condicionantes ou potenciadores de motivação e identificar as estratégias pedagógicas de motivação mais eficazes no processo de ensino e aprendizagem utilizadas pelos professores em contexto de sala de aula.

Como prováveis condicionantes das estratégias pedagógicas e consequentemente da motivação dos alunos, definiram-se as seguintes categorias:



- Infraestrutura/escola;
- Materiais;
- Número de alunos;
- Carga horária;
- (Des)interesse dos alunos;
- Financeiros;
- Planificação;
- Competências prévias;
- Apoio da direção;
- Socioculturais.

Como prováveis categorias de motivação definiram-se:

- Estratégias pedagógicas de motivação adicionais;
- Gestão Flexível do Currículo;
- Estratégias do Currículo.

Após a realização das entrevistas relacionou-se o conteúdo das respostas com as características das categorias anteriormente definidas, procedendo à respetiva codificação no webQDA.

Nesta análise foi preocupação constante relacionar os dados das entrevistas com a fundamentação teórica desta investigação.

Posteriormente procedeu-se à caracterização da amostra, tendo em conta os seguintes fatores:

- Sexo;
- Idade;
- Tempo de serviço;
- Tempo de serviço na escola atual;
- Tempo de serviço na disciplina de Educação Visual;
- Categoria profissional.

Três dos professores entrevistados são do sexo masculino e dois do feminino, tendo uma média aproximada de idade de quarenta e cinco anos. A média aproximada de tempo de serviço é de dezassete anos, sendo a mesma para a lecionação da disciplina de Educação Visual. Contudo, a média aproximada de tempo de serviço na escola atual é de treze anos. Quatro dos docentes pertencem à categoria profissional de Quadro de Escola, com licenciaturas em Arquitetura e um é contratado não profissionalizado, com habilitação própria de licenciatura em Artes Plásticas – Ramo Pintura.



Discussão dos Resultados

O Currículo Nacional do Ensino Básico em Portugal não define estratégias pedagógicas de motivação, deixando em aberto a possibilidade a cada escola e/ou professor definir quais as estratégias mais adequadas aos alunos e à realidade escolar, tal como definido na gestão flexível do currículo em vigor desde maio de 1999.

As entrevistas realizadas no âmbito da nossa investigação sugerem um conjunto de estratégias pedagógicas de motivação que se revelam eficazes no processo de ensino e aprendizagem. A eficácia destas estratégias é, por vezes, condicionada por vários constrangimentos intrínsecos e extrínsecos à escola e à própria disciplina, também identificados no decurso das entrevistas.

Que estratégias pedagógicas podem ser utilizadas pelo professor para promover a motivação dos alunos na disciplina de Educação Visual?

- Promover a literacia visual através da imagem e contacto direto com a obra de arte;
- Promover o acompanhamento individualizado aos alunos;
- Reforçar a autoestima dos alunos através da valorização dos trabalhos, durante o seu desenvolvimento;
- Levar o aluno à construção dos seus próprios objetivos de modo a que estes sejam exequíveis;
- Adaptar as atividades em função do interesse dos alunos;
- Realizar projetos de trabalho;
- Criar grupos de trabalho mais homogêneos na turma, com vista a melhor adaptar as tarefas ao nível da autonomia e competências dos alunos;
- Informar antecipadamente os alunos sobre a possível visibilidade dos trabalhos a realizar;
- Adaptar os conteúdos programáticos à realidade sociocultural dos alunos.

Os resultados indicam que o ensino por projetos se destacou de entre as diversas estratégias pedagógicas de motivação identificadas, revelando-se, na opinião de alguns entrevistados como a estratégia mais eficaz e abrangente e que demonstra melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem.

“É importante desenvolver um projeto. Porque o projeto permite aos alunos traçar os seus objetivos individuais e pessoais de forma muito clara” (Professor 5).

“ Claro que esta motivação pode ser conseguida como há pouco conversávamos pela



determinação de uma atividade num projeto que possa não só desenvolver paralelamente um conjunto de competências e que pode ser muito mais dirigida para uma realidade, para um fim ou para um objetivo que o aluno entenda como muito mais motivador" (Professor 3).

"É o projeto. É um objetivo muito próximo deles, em vez de falar realmente de conteúdos, construir sempre um objetivo muito fácil de eles perceberem. Muito simples. Muito simples. Eu já tive um enorme sucesso com alunos com este objetivo" (Professor 5).

Hernandes e Ventura (1998) são da opinião que a aprendizagem do aluno é estimulada pela sua participação, isto é, os alunos obtêm melhores resultados quando se tornam agentes ativos das suas aprendizagens. A resolução do problema é consequência da envolvimento do aluno em todo o processo de construção do conhecimento, ou seja, o aluno utiliza a sua experiência e o seu conhecimento para resolver problemas.

Constrangimentos na aplicação de estratégias de motivação

Da análise detalhada das entrevistas realizadas detetaram-se algumas opiniões muito semelhantes na identificação de possíveis fatores de constrangimento na motivação dos alunos, de entre os quais se destaca: Carga horária; Competências prévias; Número de alunos por turma; Infraestruturas da escola/materiais.

Carga horária – Falta de tempo para a realização das tarefas propostas.

A maioria dos resultados indica que a carga horária da disciplina de Educação Visual não é adequada ao desenvolvimento das competências previstas no Currículo Nacional do Ensino Básico, podendo ser um fator de constrangimento na motivação dos alunos, pois não permite o desenvolvimento adequado das suas aprendizagens. Todavia, esta não é uma temática consensual entre os participantes, dado que um dos inquiridos considera ser possível atingir as "competências mínimas" nos 90 minutos semanais previstos no currículo.

No entanto, a maioria dos inquiridos é da opinião que seria positivo, para o desenvolvimento de competências na disciplina, um reforço da sua componente prática para o qual seria necessário o incremento da carga horária através da criação de um bloco de 90 minutos em regime de desdobramento da turma.

"(...), a solução ideal que eu penso que era possível era precisamente mais 90 minutos por semana em regime de desdobramento semestral, um pouco como funciona a disciplina oferta de escola (...), em que a turma, a mesma turma está desdobrada, portanto, com metade da turma e aí conseguem-se desenvolver competências (...)" (Professor 3).



Competências prévias - Falta de competências previamente adquiridas.

Embora os resultados indiquem que existe um défice de competências prévias, confirmadas pelos testes diagnósticos realizados pelos professores no início do ano letivo, nenhum dos participantes apontou este fator como sendo relevante na falta de motivação dos alunos.

“Não têm vindo muito preparados. Não têm vindo bem preparados. (...) eles às vezes esquecem coisas que nós próprios demos no ano passado(...) eles desvalorizam os diagnósticos. E fazem aquilo de uma forma displicente sem rigor” (Professor 4).

Apesar dos dados indicarem que os alunos vêm mal preparados dos anos anteriores. Os testes de diagnóstico não se revelam uma ferramenta eficaz para aferir essas competências, na medida em que a sua aplicação é, em muitos dos casos, desvalorizada pelos alunos porque não conta para avaliação.

Número de alunos - Excesso de alunos por turma.

A problemática do excesso de alunos por turma foi consensual nas respostas recolhidas. Os dados indicam que, de facto, o número elevado de alunos por turma é uma realidade nessas escolas, sendo impossível realizar um acompanhamento individualizado. Por outro lado, dada a forte componente prática da disciplina de Educação Visual, o excesso de alunos por turma é uma forte condicionante na realização e conclusão adequada dos trabalhos individuais, provocando a desmotivação de grande parte dos alunos. Existe claramente uma relação entre o número excessivo de alunos e a falta de motivação para a aprendizagem.

Por último, os nossos dados indicam também que o excesso de alunos condiciona a escolha das estratégias pedagógicas do professor.

“Uma turma com muitos alunos é uma turma com uma estratégia no terreno completamente diferente de uma turma com poucos alunos (...), este ano tenho turmas com vinte e oito alunos e tenho que planear tudo de uma maneira diferente das turmas em que tenho por exemplo dezoito ou vinte alunos. (...) O número de alunos é uma condicionante de base, sem dúvida. Porque tenho que dar um apoio muito próximo aos alunos (...)” (Professor 4).

Infraestruturas da escola/materiais - Infraestruturas desadequadas e falta de materiais.

Neste ponto as opiniões não são consensuais. Alguns dos inquiridos consideram que as infraestruturas e os materiais consumíveis, embora condicionantes das estratégias pedagógicas a adotar no processo de ensino e aprendizagem, não



são relevantes para a motivação dos alunos.

"A minha opinião sincera é que eu acho que não é determinante. É evidente que tendo uma sala espaçosa com mesas individuais espaçosas, todas essas coisas é evidente que podem ser contributo para o desenvolvimento de uma aula, de um trabalho mas não me parece para mim que seja uma coisa fundamental" (Professor 3).

"Isso é fundamental. Ter água, ter armários fechados, tenho a certeza que não é uma questão muito profunda, muito teórica na pedagogia mas armários bons com uma boa chave, com uma boa fechadura, para mim, são um instrumento fundamental na Educação Visual e nestas áreas artísticas" (Professor 5).

Na opinião dos nossos entrevistados não existe uma relação direta entre as infraestruturas e/ou materiais existentes e a prática de ensino da disciplina de Educação Visual. No entanto, para manter um elevado nível de motivação os professores têm de implementar estratégias adicionais de forma a suprimir algumas carências ao nível das infraestruturas e dos materiais existentes.

Em suma, nem todos os constrangimentos identificados inicialmente foram considerados relevantes pelos entrevistados. O número excessivo de alunos, a falta de competências prévias, a reduzida carga horária e a falta de infraestruturas e materiais consumíveis foram os fatores apontados como mais determinantes pelos entrevistados. O número excessivo de alunos por turma apresentou-se como o fator mais condicionante, tanto para a desmotivação dos alunos, como para a escolha das estratégias por parte dos professores. Para além disso, este constrangimento é uma das condições que restringe a aplicação das premissas da Escola Nova ¹ e do ensino centrado no aluno.

¹ (Aguayo, 1963) As premissas da escola nova em oposição à escola tradicional substituem o ensino centrado apenas no conhecimento do professor por uma educação do aluno mais ativa e significativa baseada na descoberta e na sua própria experiência.

- O professor não transmite conhecimentos;
- A criança aprende por si própria;
- A função do professor limita-se a orientar e estimular o trabalho do aluno.



Conclusão

Os nossos resultados indicam que, de facto, existe um número elevado de alunos desmotivados na disciplina de Educação Visual. Os inquiridos estão em total acordo no que respeita à motivação dos alunos para essa disciplina, reconhecendo que a sua desmotivação se deve essencialmente a fatores intrínsecos e extrínsecos à escola e à própria disciplina de Educação Visual.

Da mesma forma que o programa curricular da disciplina não define estratégias de motivação, os entrevistados são consensuais quanto ao facto de não existirem estratégias pré-definidas e que se adequem a todas as situações de aprendizagem. É importante desenvolver e aplicar as estratégias pedagógicas de motivação em função dos alunos e da realidade local.

O ato de desenhar é, para muitos alunos, uma frustração que se reflete diretamente na motivação do aluno e consequentemente nas suas aprendizagens. Na opinião da maioria dos inquiridos um acompanhamento individualizado aos alunos poderá ser uma ótima estratégia de motivação e, se calhar, a melhor. No entanto, para além do acompanhamento individualizado é também necessário ser diferenciado pois cada indivíduo possui características e objetivos próprios. Segundo Huertas (2001), a motivação a nível psicológico, pode ser reforçada apelando a componentes afetivos e emocionais. As características diferenciadas de cada indivíduo apelam assim a diferentes tipos de motivação para um mesmo assunto.

O projeto de trabalho surge como a estratégia mais consensual entre os entrevistados e também a que tem mais possibilidades de ser aplicada nos diversos contextos, pelo elevado grau de envolvimento do aluno na criação e aquisição de conhecimentos.

Existem ainda fatores extrínsecos à própria escola que influenciam a motivação dos alunos para a mesma e, particularmente para a Educação Visual. São alunos que não estão motivados apenas para a Educação Visual, mas sim para a aprendizagem na sua globalidade, não existindo portanto, estratégias pedagógicas que os possam motivar especificamente para a disciplina de Educação Visual. Ainda que, por vezes, algumas estratégias possam ter melhor aceitação são alunos que facilmente se desmotivam e consequentemente reduzem a possibilidade de efetuarem aprendizagens verdadeiramente efetivas.

Tal como defende Rocha de Sousa (1995), no processo de ensino e aprendizagem não existe um “receituário universal”. Em nossa opinião, não existe uma estratégia



pedagógica de motivação universal que seja aplicável a todos os alunos. Só após um conhecimento direto dos alunos e do seu contexto sociocultural é possível ao professor delinear estratégias de motivação eficazes.

Referências

- Aguayo, A. M. (1963). *Didática da Escola Nova*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Costa, J. A. & Melo, A. S. (1995). "motivação". In: Dicionário da Língua Portuguesa. 7.ª ed. Porto: Porto Editora.
- Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (2001).
- Drew, W. e tal. (1989). *Como Motivar os Seus Alunos: Actividades e métodos para responsabilizar os alunos*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. ISBN 84-329-8602-X.
- Hernandez, F. (1998). *Transgressão e Mudança na educação: Os Projetos de Trabalho*. Porto Alegre: ARTMED.
- Hernandes, F. & Ventura, M. (1998). *A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho*. Porto Alegre: ARTMED.
- Huertas, J. A. (2001). "Motivación: querer aprender". Buenos Aires: Aique.
- Ministério da Educação – Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo.
- Petrucci, V. B. C. & Batiston, R. R. (2006) *Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade*. São Paulo: Saraiva.
- Read, H. (1982). *Educação pela arte*. Lisboa: Edições 70, lda.
- Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*, p. 57. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Rocha de Sousa (1995). *Didáctica da Educação Visual*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodrigues, C. (1986). "Comportamento motivado: Do inato ao Aprendido". In: Serra, A. V. et al. (1986): *Motivação e Aprendizagem*. Porto: Contraponto, pp. 47-75.
- Unesco (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Lisboa.
- Unesco (1998). *Educação Um tesouro a descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Lisboa.



Legislação

Lei Nº 46/1986 de 14 de Outubro. *Diário da República* n.º 237 - I Série. Ministério da Educação - Lei de Bases do Sistema Educativo

Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto. *Diário da República* n.º 166 - I Série - A. Ministério da Educação - Alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo.

Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio. *Diário da República* n.º 102 - I Série - A. Ministério da Educação – Autonomia das Escolas.

Despacho n.º 9590/99 de 14 de Maio. *Diário da República* - II Série. Secretaria de Estado da Educação e Inovação - Gestão Flexível do Currículo do Ensino Básico.